



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

Itinerários e Visões da Cidade: Educação para o Patrimônio na cidade de Sabará-MG

Jezulino Lúcio Mendes Braga

Escola de Ciência da Informação/UFMG

Resumo: Neste trabalho investigamos o uso pedagógico do Museu do Ouro e do espaço urbano de Sabará-MG, no debate sobre os lugares de memória definidos pelos discursos oficiais que constituem narrativas públicas da história. Analisamos a narrativa do Museu do Ouro, identificando objetos de cultura material em exposição que estimulam atos perceptivos sobre a cidade. Constituímos itinerários que partem do museu em direção a cidade interrogando os processos de patrimonialização e musealização locais por meio de percepções sensíveis dos sujeitos que vivem na cidade e que fazem uso educativo do museu. Usamos o método da história oral para revelar quais visões de cidade são possíveis para além da narrativa museal e que outros projetos de patrimônio são construídos pelos sujeitos estimulando a reflexão sobre a memória instituída e as memórias partilhadas pelos moradores de Sabará. A pesquisa está em andamento e até o momento foram coletados dados sobre os objetos expostos no Museu do Ouro e patrimônios tombados na cidade.

Palavras-chave: Cidade; Museu; Patrimônio; História oral

Abstract: In this text we investigate the pedagogical use of the ‘Museu do Ouro’, alongside with the urban landscape of the city it is located, Sabará (Minas Gerais, Brazil), and their role on the debate about memory sites defined by official speeches that constitute public narratives of history. We analyse the museum’s narrative by identifying exhibited objects that represent material culture and stimulate perceptive acts about the city. We created itineraries that go from the museum to the city interrogating the heritagization and musealization local processes through sensitive perceptions of the people that inhabit the city and make an educative use of the museum. We use the oral history method to reveal which city visions are possible beyond the museal narrative and what other heritage projects are built by the subjects, stimulating the reflection about instituted memory and the memories shared amongst the residents of Sabará. The research is currently in progress and so far data on the objects exhibited on ‘Museu do Ouro’ and the protected patrimony of the city has been collected.

Key-words: City; Museum; Heritage; Oral history.



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

Introdução

O texto que segue investiga o uso pedagógico do Museu do Ouro e do espaço urbano de Sabará-MG, debatendo sobre os lugares de memória definidos pelos discursos oficiais que constituem narrativas públicas da história na relação com o espaço urbano.

Entendemos que os museus institucionalizaram coleções e como instituições de memória representam um discurso sobre o passado utilizando aparatos diversos na elaboração das exposições. Esse discurso muitas vezes é elaborado com base em uma concepção de história linear, cronológica e evolutiva marcadas por ideários nacionalistas e triunfalistas de alguns grupos sociais. Os museus são constituídos por uma seleção arbitrária de objetos, legendas, imagens, que constituem uma narrativa baseada também em esquecimentos. Em atos educativos professores e educadores de museu podem revelar as seleções feitas na constituição de uma narrativa pública da história nas instituições museais.

Analisamos a narrativa museal estabelecendo como parâmetro as relações que estabelece com a cidade constituída a partir da economia aurífera. O Museu do Ouro tornou-se uma instituição cultural importante para realização de projetos de recuperação e reformas urbanas do século XXI, bem como para produção, mediação e reprodução cultural. Dessa forma, o Museu do Ouro pode ser considerado interferente na vida dos habitantes da cidade de Sabará, potencializando a discussão sobre a organização do espaço urbano e sobre a relação com a história e a memória.

O Museu é visitado por escolas durante o ano todo e o uso pedagógico de sua exposição é interferente no ensino de história nas escolas da cidade. Do total de 11961 visitantes em 2016 cerca de 50% são estudantes.¹

Desde 2016 o educativo do museu em parceria com a UFMG e a UEMG discute o projeto *Itinerários e Visões da Cidade: Educação para o Patrimônio na Relação com as Narrativas Visuais da História* como uma forma de potencializar o uso pedagógico da

¹ Dados obtidos no setor educativo do museu



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

exposição e ampliar a relação do museu com a cidade. O projeto em andamento têm como objetivo principal discutir as referências materiais expostas no museu e identificar o patrimônio urbano em uma relação dialógica interpretando a relação dos visitantes com a cidade. Portanto, privilegiamos escolas de Sabará que muitas vezes não visitavam o museu. Dados mais recentes do estudo de público apontam que os projetos desenvolvidos pelo setor educativo influenciam na mudança estatística de visitação. As escolas de Sabará passaram a visitar mais o museu após as ações propostas.

O Museu do Ouro: aspectos da “civilização mineira”

As paisagens são ao mesmo tempo produto e vetores das relações sociais, políticas e econômicas. Se por um lado são modificadas pelas ações dos sujeitos, ao mesmo tempo condicionam essas modificações. O povoamento da região de Sabará se deu a partir da descoberta e exploração do ouro no leito do Rio das Velhas e do Rio Sabará no século XVII. A organização urbana se estabeleceu originalmente no entorno das suas margens. Diversos arraiais se formaram na confluência entre os dois rios, dando origem a um arraial no ano de 1707. A freguesia foi elevada à condição de vila em 1711 com o nome de Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. Considerada um dos principais centros mineradores do período colonial, a vila se tornou sede da Comarca do Rio das Velhas no ano de 1714. O município de Sabará foi criado em 1838.

A cidade de Sabará possui um patrimônio tombado a nível municipal, estadual e federal. O centro foi tombado pelo Iphan em 1938 e a Rua Direita (atualmente chamada de Rua Dom Pedro II) foi tombada em 1965. A rua Direita constituía a principal via do núcleo urbano iniciado no século XVIII concentrado a área comercial da sede da Vila. Seu conjunto, pelo expressivo número de edificações remanescentes do período colonial, é considerado o mais significativo do acervo arquitetônico colonial de Sabará. Destacam-se interessantes sobrados com sistema construtivo em alvenaria de adobe, cunhais de madeira e vãos moldurados com sobrevergas trabalhadas e guarda-corpo em madeira recortada. É nessa rua que encontramos um teatro construído no Século XIX que foi visitado pelo Imperador Dom Pedro I em 1831, momento em que seu governo vivia uma crise de legitimidade política.



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

Outra construção que dá a dimensão do patrimônio edificado da cidade é a Casa Borba Gato, atualmente guarda o acervo documental do Museu do Ouro. Situada na antiga Rua da Cadeia, ocupa posição de destaque dentre as construções vizinhas, apresentando belas sacadas originais com balaústres torneados De acordo com o site do IPHAN:

A origem do nome decorre do fato da Câmara Municipal, ao comemorar o bicentenário da elevação de Sabará à vila, em 1911, ter batizado a antiga rua da "Cadeia", onde se localiza o prédio, com o nome do bandeirante paulista descobridor das minas do rio das Velhas. O imóvel foi utilizado como residência a partir de 1828, pelo então proprietário, o padre João de Souza Guimarães. De 1871 a 1896 funcionou como Escola de Primeiras Letras. Em 1983 foi alugado pelo Museu do Ouro e passou a funcionar como Centro de Difusão Cultural, sendo reconhecido como bem de utilidade pública pelo município em 1984. Após sua restauração, passou a funcionar como Centro de Memória do Museu do Ouro, reunindo documentos históricos dos séculos XVIII e XIX, relativos à antiga Comarca do Rio das Velhas.

(<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/286/> acessado em 15/07/2017)

O Museu do Ouro foi implantado na década de 40 (o decreto de criação é de 1945 e a inauguração foi no dia 16/05/1946) por meio da política oficial do recém criado SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) que tinha como um dos principais objetivos dar materialidade à *civilização* mineira compreendendo-a como uma sociedade *sui generis* na formação do Brasil.

No processo de identificação e registro do Patrimônio Histórico a sede do Museu do Ouro - Casa da Intendência foi reconhecida como patrimônio cultural. A casa é construída em adobe e pau a pique e situa-se no Morro da Intendência. Foi residência dos intendentess e postos de cobrança de impostos coloniais no período de extração aurífera. O pavimento térreo era ocupado pelos serviços de pesagem, quintagem, fundição e cunhagem do ouro, e o segundo pavimento ocupado pelo Intendente e a família.



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002



Foto 01- Museu do Ouro/IBRAM

No século XIX a edificação serviu como residência particular e escola. Em 1937 a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira (instalada na cidade na década de 20) comprou a casa para demolição. O presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o senhor Rodrigo de Melo Franco de Andrade empenhou-se em preservar aquele monumento da arquitetura, “*preciosa relíquia da história colonial mineira*” (apud JULIÃO, 2008). A Cia Belgo-Mineira acabou doando o prédio à união e o SPHAN iniciou as pesquisas para formação do acervo e abertura do Museu.

Letícia Julião (2008) analisou os documentos referentes ao acervo na época da fundação do Museu do Ouro que foram identificados em três grandes conjuntos de objetos:

a) A parte dedicada à reconstituição, por meio de maquetes, dos processos de mineração usados no século XVIII, complementado com autêntico engenho de triturar minério de ouro, que foi reconstruído no pátio posterior do Museu.

b) a coleção de barras de ouro da época, a maioria das quais fundidas e cunhadas na própria casa da Intendência de Sabará, juntamente com a coleção de jóias e ourivesaria do século XVIII, expostas num cofre antigo, protegido por grossas lâminas de cristal.

c) Sala de Arte Popular, com imagens e objetos recolhidos nas principais regiões auríferas do Estado. (JULIÃO, 2008, p 219)



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

Na criação do museu do ouro, o objetivo era o de dar materialidade à civilização mineira como uma sociedade *sui generis* na formação do Brasil. Nesse caso, dar materialidade à civilização mineira significava colocar o Estado em uma posição de destaque na construção da nacionalidade. Explica-se, desta forma, a ênfase na extração aurífera como ícone da urbanização e o surgimento de uma cultura intelectual com uma produção profícua e genuína. De acordo com Julião (2008) entre os intelectuais ligados ao SPHAN vigorava, à época, a convicção de que o século XVIII dera origem a uma civilização nas Minas na qual a arte e a história haviam alcançado a dimensão do universal (JULIÃO, 2008, p 164). Por meio da universalidade das Minas chega-se, portanto, à assunção do barroco a ícone do patrimônio brasileiro e das Minas Gerais como lócus da autenticidade civilizacional na formação histórica do Brasil como nação. O Museu do Ouro seria, sob essa ótica, um dos territórios enunciativos desse ideal civilizacional e fundador, perpetuando, por meio de objetos exemplares a genuína expressão da formação do Brasil, por meio da encenação do fausto minerador.

O Museu do Ouro propõe uma narrativa centrada nos vestígios recolhidos sobre a sociedade mineradora com algumas soluções museográficas que lembram reproduções de ambientes do século XVIII. A apresentação visual que informa o projeto museológico atua a partir da noção do passado como tela fixa, e a tônica geral das exposições revelam a busca de uma síntese cognitiva sobre a sociedade mineradora que permanece como traço marcante da concepção museal expressa.

Para Ramos e Magalhães (2008) as reproduções de ambientes recuperam teorias de historiadores do século XIX na tentativa de volta ao passado tal como aconteceu, pressupondo que (...) *o passado é dado, ou melhor, um dado espetacular aberto para aceitação de estereótipos, esvaziando a proposta de colocar a história como lugar de juízo crítico, de problematização a partir do presente* (RAMOS & MAGALHÃES, 2008, P 60).

O passado é compreendido sob o suposto do congelamento, preso em um tempo que não pode mais voltar, dado a sentir na relação com os objetos expostos. Não se trata aqui de afastar uma cenografia com soluções lúdicas para aprendizagem da história, mesmo porque há encantamento na visualização da história que deve ser levado em conta na montagem das exposições. Por outro lado, há o risco de deixar a fundamentação do



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

conhecimento histórico desprezando a reflexão sobre a complexidade do tempo no qual vivemos.

No caso do Museu do Ouro, os objetos reportam ao passado minerador praticado em Sabará, e, por suposto, a um fausto econômico e cultural do Brasil do século XVIII. Os objetos enredam-se a uma visão saudosista das Minas Gerais que entrou em ruína com a escassez do ouro.

Ao entrar na recepção o visitante têm acesso aos documentos referentes a criação do museu e ao processo de restauração da casa na década de 40. Ali pode conhecer sobre o primeiro diretor do Museu, senhor Antonio Joaquim de Almeida e as relações que estabelecia com os modernistas como Lúcio Costa e Rodrigo Melo Franco. Se optar por iniciar a visita por este espaço, entrará na Sala dos Ingleses onde estão dispostos objetos de mineração e maquetes que narram sobre a participação desses sujeitos na extração subterrânea do ouro. Na sala do lado o visitante conhece as formas de extração do ouro por meio de 3 maquetes encomendadas pelo primeiro diretor. Voltando pela recepção acessamos a Sala da Prensa e a das Bateias com objetos referentes ao controle sobre a extração aurífera na cobrança de impostos por parte da coroa metropolitana portuguesa. Balanças de pesar ouro, cofres, armas e imagens de soldados também compõe o cenário expositivo.

Subindo para o segundo pavimento na escada do lado esquerdo da casa, o visitante chega à Sala dos Quatro Continentes. A pintura do teto em cinco painéis independentes provavelmente é do início do XVIII e apresenta figuras humanas com alegorias que identificam a América, África, Europa e Ásia. No painel central visualizamos o brasão de armas do reino de Portugal, com alegorias que representam o processo de colonização como bandeiras, trombetas e armas militares. Essas alegorias induzem a uma narrativa das conquistas portuguesas naquele período histórico como a ponta de uma das lanças fincada em uma cabeça masculina decaptada e a vitória sobre o inimigo bárbaro que impedia o progresso da civilização.



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002



PLANTA BAIXA PRIMEIRO PAVIMENTO.



PLANTA BAIXA SEGUNDO PAVIMENTO.

(ROSA, MENEZES & FIGUEIREDO: 2017)

Nas laterais do forro temos a Europa representada por uma mulher com um longo vestido que monta um touro semi-imerso na água. Na cena o rosto da mulher se volta para traz ainda que o movimento do touro se direcione para frente. Compõe o teto os navegadores que conquistam o novo mundo sem esquecer dos laços que os ligam a Europa. A América é representada por uma índia sentada, praticamente nua, ornada com contas, colar e um exuberante cocar de penas na cabeça, segurando com ambas as mãos uma espécie de recipiente ou cesta com produtos vegetais. No entorno da personagem apresentam-se um papagaio, um rio, um canavial e várias caixas e fardos. No terceiro painel representando a África observamos uma nativa sentada, seminua, vestida com uma saia, segurando em uma das mãos um ramo e carregando na outra, provavelmente, uma cornucópia, atributo da fartura e fortuna. Na parte inferior da cena, logo abaixo da personagem, podemos observar a presença de animais endêmicos do respectivo continente, como o leão e o crocodilo. Completando o conjunto o painel referente à Ásia. Ilustrado por duas figuras masculinas, provavelmente turcos otomanos, conversando de pé, vestidos com roupas típicas e turbantes.

Seguindo em frente o visitante tem acesso a Sala da Religiosidade 1 e 2, na qual está exposto a coleção de arte sacra com destaque para uma imagem de Santana Mestre obra atribuída a Aleijadinho. Em exposição estão oratórios, santos católicos, um móvel confessional e um São Jorge que fazia parte da Igreja Santa Rita demolida em 1939.



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

Uma mesa de jantar com um armário compõe uma das maiores salas da casa. Objetos de uso doméstico como prataria, louças, bacias, jarros compõe um cenário raro das casas mineiras do século XVIII. Na verdade era pouco comum o uso desses utensílios domésticos durante o período de maior exploração do ouro na região. Apenas famílias muito abastadas tinham acesso a esses objetos.

Os quartos do Rico Minerador e o da Donzela e um pequeno escritório chamado de Escritório do Intendente são os três últimos cenários expositivos sugeridos nessa trilha. Esses espaços possuem mobiliário típico do século XIX adquirido por Antonio Joaquim de Almeida em antiquários de São Paulo e Rio de Janeiro para compor a coleção do Museu.

Usos educativos do Museu do Ouro

O Museu do Ouro é visitado mensalmente por escolas de Sabará e da Região. Muitas escolas fazem todo o circuito pela cidade e depois visitam o museu, o que impede um trabalho mais aprofundado na narrativa. As vezes o estudantes fazem um trajeto pelas igrejas para conhecerem obras barrocas e depois chegam ao museu, no final da visita à cidade.

São essas premissas que norteiam as atividades educativas desenvolvidas no Museu do ouro por meio do projeto de pesquisa e extensão *Itinerários e Visões da Cidade*. Entre as ações extensionistas estão previstos: cursos de formação em educação museal para professores da rede pública da cidade de Sabará; elaboração de material didático para educação museal; cursos para guias de turismo da cidade de Sabará, elaboração de mídias sobre educação e museus, construção de itinerários que relacionam o museu e a cidade no qual está inserido e vivências de estudantes do curso de Museologia no setor educativo do Museu do Ouro. Como ações de pesquisa concluímos até o momento a elaboração de parâmetros para análise da exposição do museu com base na metodologia de construção de *itinerários* que se constituem de proposição de caminhos entre o museu e a cidade. Partimos dos referenciais materiais em exposição explorando a princípio um itinerário: a



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

água. A equipe do projeto elaborou as seguintes tipologias para exploração desses referenciais:

- Imaginário
- Uso doméstico
- Uso no transporte
- Trabalho
- Arquitetura Hídrica

Essa tipologia serve como parâmetro para investigarmos os objetos expostos no museu e referenciais do *Itinerário da Água* na cidade de Sabará. O imaginário diz respeito a lendas, crônicas, religiosidade, poesias, pinturas, que têm como tema a água na cidade, seja pelo Rio Sabará e Rio das Velhas ou a água que brota dos chafarizes. As pontes, chafarizes, pias batismais, são elementos da arquitetura hídrica. Ainda temos a água em seu uso doméstico como por exemplo as bacias, gomis, moringas que estão expostas no museu e o uso no trabalho das lavadeiras e mineradores, ou mesmo nos boteiros que faziam o transporte nos rios. Essa tipologia não é uma tela fixa, mas permite imbricações entre os referenciais.

Em todo o projeto partimos da categoria experiência sensível. Chamamos de experiência sensível as ações humanas acontecidas no museu que passam pela rememoração, imaginação, reafirmação identitária, pelo encantamento, sofrimento, reposicionamento de concepções prévias, entre tantas outras reações provocadas pelos sentidos colocados em ação no uso pedagógico dos museus.

A experiência sensível é corpórea, pois é com o corpo que garantimos nossa presença no mundo. É pelo corpo que se dá a primeira aproximação com as narrativas visuais. Por se tratar de uma instituição que propõe uma visualização da história por meio de objetos tridimensionais, a experiência sensível depende do contato visual com as exposições dos museus. Pelo contato visual, o sujeitos elaboram percepções baseadas em suas experiências e constroem uma narrativa empática.

As narrativas visuais instituem uma relação de alteridade e, potencialmente, podem promover diálogos, confrontos, deslocamentos e afirmações identitárias. Portanto,



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

são ambientes de formação, tanto para educadores que atuam diretamente na instituição museal, quanto para professores que dele fazem uso educativo. Partimos da consideração de que o museu permite uma experiência sensível por meio da visualização da história narrada com objetos tridimensionais, imagens e textos. Os sujeitos relacionam-se de forma empática com essa narrativa, propondo novos usos e construindo novas concepções para a história, baseada em suas experiências vividas.

Educação para o patrimônio: oralidades

Os itinerários educativos têm por objetivo principal potencializar o uso educativo do espaço urbano na relação com a narrativa do Museu do Ouro. Como metodologia de pesquisa optamos por analisar a documentação museológica, documentação referente aos processos de tombamento e inventário do patrimônio cultural da cidade e realizar círculos de memória com moradores visitantes do Museu.

Os círculos de memória são uma oportunidade dos moradores conhecerem o Museu ao mesmo tempo em que narram suas histórias de vida na relação com o espaço da cidade. Esses relatos serão estimulados pelo contato com os objetos provocadores de lembranças a partir de uma relação sensível que estabelecemos com a exposição museal. Consideramos que as memórias partilhadas são um estímulo para reinventar a relação com o museu e a cidade.

Michael Pollack postula a pulsação advinda das memórias construídas no silenciamento e afirma o elemento contraditório na confecção de uma teia de lembranças majoritárias que são oficializadas em suportes materiais responsáveis pela manutenção de uma dada ordem vigente. Para Pollack, na sociedade contemporânea a fronteira entre o que se diz e o silêncio separam “(...) uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor” (POLLAK, 1989, p. 6).

Estas memórias subterrâneas são expressas nas histórias de vida como ordenamento de acontecimentos que balizaram uma existência e “(...) através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (POLLAK, 1989, p. 13).



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

Os objetos expostos ressoam as experiências dos sujeitos despertando lembranças que criam outras narrativas, que estão silenciadas na exposição do museu. Greenblat admite que os objetos são potentes, revelando forças culturais complexas e dinâmicas nas quais foram criados e das quais estabelece relações com o sujeito que vê, arrebatado pela estética que prende sua atenção. Pela ressonância e encantamento são provocados gestos imaginativos relacionados aos conteúdos propostos pelo professor no momento da visita (GREENBLAT, 1991).

A metodologia dos círculos é trazida na obra de Paulo Freire quando estimula o processo de alfabetização por meio do diálogo sobre questões centrais do cotidiano como trabalho, cidadania, alimentação, saúde entre outros. O formato em círculo estimula a participação de todos envolvidos na partilha de memórias afetivas provocadas na visita ao museu. É também uma experiência sensível, permitindo que os envolvidos se reconheçam como sujeitos que vivem experiências no tempo e que usam dessas experiências em suas ações na cidade.

Selecionamos imagens e documentação de objetos pertencentes ao acervo e dividimos os participantes em pequenos grupos. De posse das imagens e da documentação museológica, os grupos transitam pelo museu em busca do objeto que está exposto em uma das salas do museu. O participante é incentivado a interrogar sobre o uso daquele objeto, texto da legenda, relações que mantem com outros objetos do cenário expositivo. Retornando da visita ao museu, os participantes são novamente reunidos em círculos para narrar suas impressões sobre o objeto.

Neste retorno, as conexões que os visitantes faz com suas memórias tornam-se mais evidentes. Os visitantes dessacralizam os objetos, criando narrativas sensíveis e autorais que extrapolam as propostas curatoriais. Em narrativas empáticas criam possibilidades distintas para a exposição do museu, em um processo em que as memórias são expressas por meio das oralidades.

Entendemos que as narrativas dos museus são compostas por objetos, legendas, focos de luz, espaços em branco, fala de educadores, e pelas narrativas autorais dos visitantes. O projeto Itinerários está potencializando essas narrativas por meio dos círculos de memória que são também experiências novas para os sujeitos que visitam o museu.



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

Tomando como exemplo o Almofariz, peça em bronze fabricada em Portugal em 1771 que servia como um pilão para separar o ouro de outros minerais, Isabella Carvalho de Menezes investiga os sentidos construídos pelos visitantes sobre os objetos em exposição no Museu do Ouro:

Em meados do século XX, o prédio da Casa de Fundição foi transformado no Museu do Ouro e o velho almofariz passou a integrar o seu acervo. O instrumento já não desempenhava o seu papel na produção, sendo investido de uma nova função social: tornou-se um bem cultural musealizado. Em meio a um conjunto de outros objetos, intencionalmente dispostos, no museu, de forma a produzir uma narrativa, o almofariz passou a refletir o esforço de construção de uma “memória nacional” e a refratar a formação de supostos sentimentos de identidade e de pertencimento. Resíduo material de um passado distante e fragmentado, ancoragem de memórias, o almofariz converteu-se em aura simbólica. (MENEZES: 2016, 24-25)

Como morada de objetos, os museus propõe novo significado para as coisas e cria tramas hermenêuticas para elaboração de um discurso narrativo. Entretanto, os sujeitos elaboram outras narrativas em uma relação empática com a exposição. Em projeto educativo² desenvolvido por Isabella Menezes, uma senhora elegeu o almofariz como um objeto emblemático que a fazia recordar de sua infância quando ajudava a avó a pilar os alimentos na cozinha.

Foto 01-Almofariz do século XVIII

² Trata-se do projeto “Mulheres de Ouro, Nossa memória, Nosso saber desenvolvido no ano de 2011.



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002



Autor: Daniel Mansur

A pretensão de homogeneidade das narrativas históricas é quebrada pelos sentidos que os visitantes constroem no contato com os objetos. Em exposição no Museu do Ouro, o almofariz representa o poder da coroa metropolitana na colônia ao instituir a cobrança sobre a atividade de mineração. A visitante dá outro sentido para o objeto, construindo nova representação.

A despeito dos projetos curatoriais, também importantes nos museus, os visitantes criam outras narrativas mais próximas às suas experiências de vida. Essas narrativas são potentes para analisarmos as relações que os sujeitos mantêm com a exposição museal. Em nosso projeto, os círculos de memórias é uma atividade para potencializar essas narrativas, em diálogo com a proposta expositiva e as relações dos sujeitos com a cidade.



XII

Encontro Regional Sudeste de História Oral
Alteridades em tempos de (in)certeza:
escutas sensíveis

e-mail: abho.regionalsudeste@gmail.com
site: www.sudeste2017.historiaoral.org.br
(31) 3409-5002

Considerações Finais

Com o projeto *Itinerários* pretendemos discutir a potência educativa da cidade na relação com a exposição do museu. A cidade é um texto a ser lido, e portanto, buscar narrativas públicas da história em projetos de patrimonialização é, também, se apropriar do espaço urbano dando novo sentido às experiências subjetivas nos trajetos pelas ruas, becos e museus.

A leitura da cidade requer o desenvolvimento das sensibilidades, auditivas, visuais, táteis e olfativas. Identificar os rastros na cidade propondo caminhos até o museu, pode ampliar a relação dos sujeitos com a temática tratada no Museu do Ouro. E ao mesmo tempo, as referências materiais expostas no museu discutidas em círculos de memória indica outros caminhos que podemos percorrer na cidade.

Referências Bibliográficas

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: Ci das Letras, 2003.

IBRAM. *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. Disponível em <http://www.museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/museus-em-numeros/>

JULIÃO, Letícia. *Enredos Museais e Intrigas da Nacionalidade*. Belo Horizonte, UFMG, Tese de Doutorado

MUSEU DO OURO. <http://museudoouro.wordpress.com/>

PEREIRA, Junia Sales & CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. *Cadernos Cedes*, Campinas, Vol. 30, n. 82, p. 383-396, set.-dez. 2010.

ROSA, Ricardo Alfredo de Carvalho, MENEZES, Isabella Carvalho de & FIGUEREDO, Andréia Neves. *Museu do Ouro*. Coleção Museus do Ibram. V. 5, IBRAM, 2017.